



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

## A PRODUÇÃO DE VESTIMENTAS NA DINÂMICA TERRITORIAL DE SÃO JOSÉ DO SERIDÓ (RN)

### *THE PRODUCTION OF CLOTHING IN THE TERRITORIAL DYNAMICS OF SÃO JOSÉ DO SERIDÓ (RN)*

(Recebido em 15-01-2019; Aceito em 04-05-2020)

**Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador**

Doutor em Geografia e professor da Universidade Federal  
do Rio Grande do Norte – Natal/RN, Brasil  
diegosalomao84@gmail.com

**Ana Luiza Dantas da Silva**

Bacharel em Geografia pela Universidade Federal  
do Rio Grande do Norte – Natal/RN, Brasil  
analuizasjs@hotmail.com

#### **Resumo**

A cada reestruturação econômica o espaço tende a se reorganizar, uma vez que esse processo de transformações não atinge apenas os parâmetros da economia, mas também os da sociedade e da política. Em suma, atinge a totalidade do território, afetando sob diferentes níveis de intensidade as ações dos agentes hegemônicos e dos não hegemônicos que caracterizam o espaço. Com esse entendimento, apreendemos a produção de vestimentas em São José do Seridó (RN), considerando o circuito espacial produtivo e a contribuição dessa produção para o desenvolvimento socioeconômico e territorial são-joseense, tendo em vista o fato de a dinâmica desse território, nos últimos anos, estar concatenada com o desenvolvimento das unidades produtivas de vestimentas. Para atingirmos o referido objetivo, realizamos pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos norteadores do trabalho, consulta em bases de dados estatísticos, além de pesquisa de campo. Assim, apreendemos que a produção de vestimentas é atividade que vem sendo desenvolvida em São José do Seridó desde o fim do século XX, momento em que a economia do município necessitou ser reestruturada devido ao declínio da cotonicultura e ao enfraquecimento da pecuária. Atualmente, as unidades produtivas de vestimentas geram a possibilidade de muitos munícipes trabalharem, obterem renda e, assim, consumirem, sendo, por isso, atividades econômicas muito importantes, do ponto de vista social e econômico. Contudo, por serem atividades econômicas, na sua maioria, fundamentadas na terceirização, tornam a economia dependente de interesses de grandes empresas, gerando uma situação de vulnerabilidade social, econômica e territorial, tendo em vista o temido risco de as unidades produtivas serem localizadas em outro espaço e, nesse cenário, haver um duro enfraquecimento da atual dinâmica de São José do Seridó.

**Palavras-chave:** Produção de vestimentas; Dinâmica territorial; São José do Seridó (RN).

### **Abstract**

*With each economic restructuring, space tends to reorganize, since this process of transformation does not only affect the parameters of the economy, but also those of society and politics. In short, it reaches the entire territory, affecting under different levels of intensity the actions of hegemonic and non-hegemonic agents that characterize space. With this understanding, we learned the production of clothing in São José do Seridó (RN), considering the productive space circuit and the contribution of this production to the socio-economic and territorial development of São José, considering the dynamics of this territory, in the years, be linked to the development of clothing production units. In order to reach the objective, we carry out bibliographic research about the guiding concepts of the work, consultation in statistical databases, as well as field research. Thus, we learn that the production of clothing is an activity that has been developed in São José do Seridó since the end of the 20th century, when the economy of the municipality needed to be restructured due to the decline of cotton growing and the weakening of livestock. Currently, clothing production units generate the possibility that many residents work, earn income and thus consume, and are therefore very important economic activities from a social and economic point of view. However, because economic activities are mostly based on outsourcing, they make the economy dependent on the interests of large companies, generating a situation of social, economic and territorial vulnerability, considering the feared risk of the productive units being located in another space, and in this scenario, there is a severe weakening of the current dynamics of São José do Seridó.*

**Key words:** Clothing production; Territorial dynamics; São José do Seridó (RN).

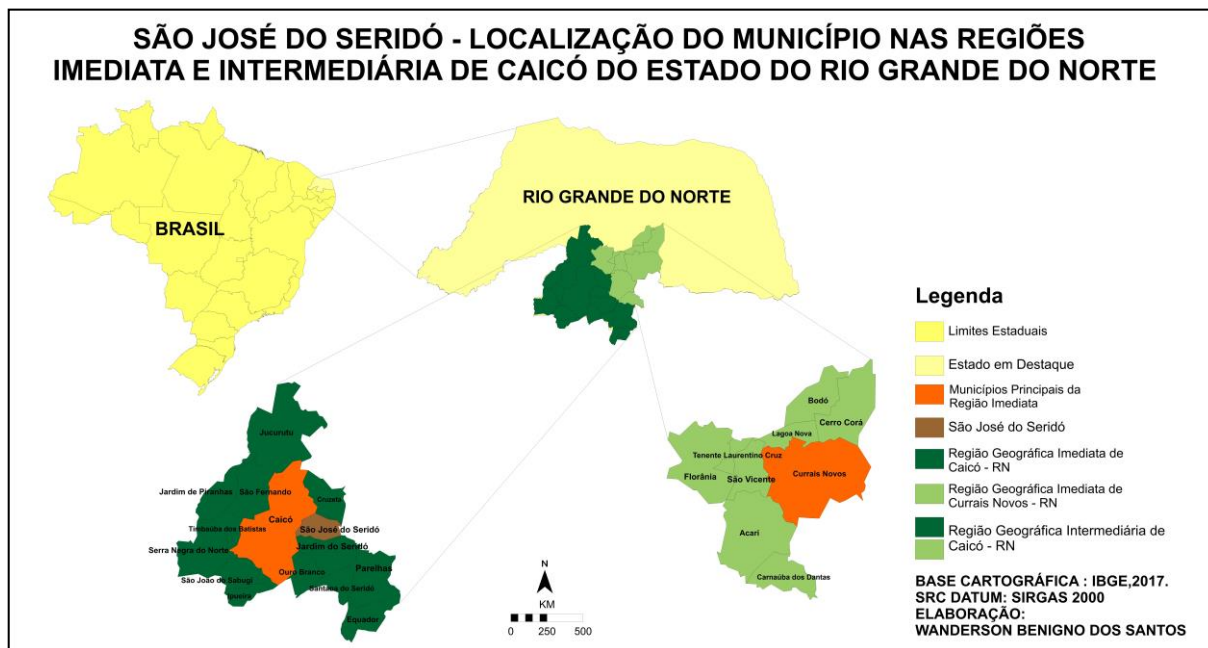
### **Introdução**

Neste artigo refletimos sobre a produção de vestimentas em São José do Seridó, município localizado nas regiões imediata e intermediária de Caicó do estado do Rio Grande do Norte (mapa 1), conforme a nova divisão regional do Brasil (IBGE, 2017). A referida produção foi deslocada da Região Sudeste do país para a Nordeste, devido ao baixo custo de mão de obra e aos incentivos governamentais ofertados nessa região para os agentes econômicos que se encontram à frente do ramo produtivo em questão. Com isso, empresas do ramo têxtil passaram a localizar em municípios seridoenses etapas do circuito espacial de produção que comandam. Assim, São José do Seridó vem se especializando na produção de vestimentas e adotando essa atividade como símbolo econômico local, dado o número de ocupações e de empregos<sup>1</sup> que são gerados.

---

<sup>1</sup> Compreendemos que emprego é o trabalho com registro em carteira de trabalho. Ocupação é o trabalho sem esse registro.

**Mapa 01:** São José do Seridó – Localização do município nas regiões imediata e intermediária de Caicó do estado do Rio Grande do Norte



**Fonte:** Wanderson Benigno dos Santos, 2019.

Partimos do entendimento que a localização de unidades produtivas de vestimentas em São José do Seridó vem proporcionando certo desenvolvimento ao município, pois, gera trabalho e renda para seus habitantes e dinamiza seu território, quanto a fluxos comerciais. Destarte, apreendemos a produção de vestimentas em São José do Seridó atentando para a teoria do circuito espacial de produção – visando esclarecer os fixos, os fluxos e os agentes que caracterizam a referida produção – e para os pressupostos do desenvolvimento territorial – com o escopo de compreender se no município, por meio da citada produção, há apenas crescimento econômico ou há uma qualificação desse crescimento, com geração de desenvolvimento.

O município de São José do Seridó foi fundado em 1962, alicerçado na tradicional economia do Seridó Potiguar, formada pelo desenvolvimento da cotonicultura com o consórcio da pecuária. Além dessas atividades, sempre foram importantes para a dinâmica do município as atividades comerciais e de prestação de serviços, sendo por meio desse fundamento econômico que a sociedade local agiu no sentido de produzir o seu território. Com a crise da cotonicultura, devido a circunstâncias dos mercados nacional e internacional, e a fragilidade da pecuária, atividade muito submetida a fatores fisiográficos, portanto, muito afetada pelas secas que marcam frequentemente o interior do Rio Grande do Norte, na década de 1990, foi necessário reestruturar a economia do município, visando dinamizar o território para além das atividades comerciais e de prestação de serviços. O caminho encontrado pelas elites do município foi o do ramo têxtil, inicialmente, com a produção de bonés e, recentemente, com a de vestimentas encomendadas, sobretudo, pela Guararapes e pela Hering.

Sabendo dessa contextualização histórica, o objetivo deste trabalho é apreender a produção de vestimentas em São José do Seridó, considerando o circuito espacial produtivo e a contribuição dessa produção para o desenvolvimento socioeconômico e territorial são-joseense. Com esse objetivo, os conceitos norteadores da pesquisa são: espaço e território, circuito espacial de produção, produção de vestimentas, desenvolvimento territorial.

Nosso entendimento sobre o espaço geográfico é fundamentado nas concepções de Santos (1996), de que o espaço é um conjunto indissociável e contraditório de objetos (naturais e humanos) e de ações humanas. Os homens, se relacionando entre si, modificam a natureza e, assim, produzem o espaço, hoje, cada vez mais marcado por objetos humanos em substituição a objetos naturais. Por isso, objetos e ações são indissociáveis: as ações humanas são as produtoras dos objetos e estes influenciam as novas ações. As contradições entre os sistemas de objetos e os de ações decorrem do fato de os homens produzirem o espaço por meio de relações de poder e de produção, priorizando determinadas intencionalidades hegemônicas, em detrimento dos objetivos da maioria, tornados não hegemônicos. Temos, desse modo, a produção desigual do espaço, por ser calcada, sobretudo, em interesses de agentes hegemônicos do mercado. O processo de produção do espaço é constante, sendo caracterizado por formas e por funções tradicionais – condizentes à formação do espaço – e por organizações modernas, decorrentes de reestruturações socioeconômicas e territoriais.

Com esse sentido teórico, entende-se que espaço geográfico e território usado sejam sinônimos, mais especificamente, o território é a dimensão concreta de análise do espaço particularizada pelas relações de poder e de produção (SANTOS, 1994). Conforme Santos e Silveira (2004), os segmentos sociais existentes, imbuídos de objetivos próprios, usam o território: os agentes sociais hegemônicos (detentores dos meios de produção, empresários, agentes financeiros, agentes determinadores de inovações em tecnologias da informação e da comunicação, Estado) utilizam o território visando explorá-lo para a obtenção da maior lucratividade possível; em contrapartida, os agentes sociais não hegemônicos (trabalhadores pobres, agentes excluídos na produção capitalista do espaço) usam o território para a sua sobrevivência, buscando, prioritariamente, a obtenção de renda para a realização do consumo de alimentos, de vestimentas, de água potável, de energia elétrica e, se possível, de bens modernos (eletroeletrônicos, aparelhos da telecomunicação, veículos). Assim sendo, o território é formado por segmentação social, com conteúdos diferentes e desiguais em termos de intencionalidades sociais, porém, combinados no mesmo processo: o da produção capitalista do espaço.

Com a utilização da teoria dos circuitos espaciais de produção (TOLEDO; CASTILLO, 2008; SILVA, 2012) podemos apreender a dinâmica do território considerando as diferentes e desiguais

ações que a caracterizam. Segundo essa teoria, todo processo produtivo ocorre por meio de fixos (objetos) instalados no espaço e de fluxos (circulação de pessoas, informações, capitais, mercadorias) que dinamizam e conectam diferentes territórios. Analisando a instalação e o uso dos fixos, temos a possibilidade de compreender os agentes sociais que desencadeiam o processo produtivo, atentando para as suas solidariedades organizacionais (cooperações visando o lucro) e para as solidariedades orgânicas (cooperações visando a sobrevivência) que também podem existir. Desse modo, a teoria dos circuitos espaciais de produção proporciona o aprendizado da totalidade de processos produtivos, pela atenção dada à dinâmica do território.

Tendo em vista a dinâmica territorial de São José do Seridó, analisou-se o circuito espacial da produção de vestimentas. Segundo Lupatini (2004) o deslocamento parcial dessa etapa produtiva do ramo têxtil, da Região Sudeste para a Região Nordeste do Brasil, foi impulsionada por vários fatores, dentre os quais ele destaca: o baixo custo de mão de obra e os maiores incentivos fiscais e de crédito existentes nessa região. Assim, cidades do Nordeste brasileiro, muitas das quais pequenas em termos demográfico e funcional, passam a localizar unidades produtivas de vestimentas, atreladas à grandes empresas, fato que submete a dinâmica dessas cidades aos interesses e às ações de grandes empresas. Essa subordinação ocorre por que a localização de interesses hegemônicos em uma pequena cidade altera substancialmente o seu conteúdo, em termos sociais e econômicos, com a imposição de uma razão competitiva calcada no uso preciso de inovações tecnológicas. O objetivo último sempre é o lucro, prioritariamente, da grande empresa e, secundariamente, dos detentores dos meios de produção vinculados àquela. A oferta de ocupações e de empregos em territórios cuja maioria da população é de pessoas muito pobres, gera a ideologia do desenvolvimento territorial e o temor que a grande empresa escolha outro espaço para a localização de seus interesses. Esse temor significa a subordinação da dinâmica territorial à política de grandes empresas (CORRÊA, 1992).

Fala-se em ideologia do desenvolvimento territorial pelo fato de a mera geração de trabalho e renda não significar “desenvolvimento” para o território. Sabemos da importância socioeconômica da localização de unidades produtivas em São José do Seridó. Mas, coadunamos com Salvador (2011, p. 80), quando destaca a diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento. O crescimento ocorre quando há elevação do Produto Interno Bruto (PIB), significando aumento da riqueza produzida em determinado espaço. Esse aumento é condição para o desenvolvimento, porém, este não se limita ao crescimento econômico. Desenvolvimento é crescimento econômico com justiça social, isto é, com melhoria substancial da qualidade de vida da totalidade da sociedade. Por isso, é pertinente refletirmos sobre a riqueza gerada pelas unidades produtivas de vestimentas em São José do Seridó, atentando para a qualidade das ocupações e dos empregos gerados e para o impacto dessa riqueza para a

dinâmica do território municipal. Assim, tem-se como compreender se o que há em São José do Seridó é somente crescimento econômico ou se existe qualificação social desse crescimento, o que representaria a existência de desenvolvimento territorial.

Estruturou-se o artigo em dois tópicos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro, apreendemos o processo histórico de formação do espaço de São José do Seridó, considerando as suas economias tradicionais, a crise e a falência dessas e a reestruturação da economia municipal tendo como fundamento importante a localização de unidades produtivas do ramo têxtil.

No segundo, refletimos sobre a atual dinâmica do município em questão, mirando na produção de vestimentas e considerando se esta produção vem gerando desenvolvimento territorial para São José do Seridó ou somente crescimento econômico.

### **Dinâmica econômica e transformações espaciais no município de São José do Seridó**

Para analisar-se a dinâmica econômica de um determinado território é pertinente conhecer o processo histórico de formação do território. Assim, neste tópico, apreender-se-á as atividades econômicas tradicionais à formação do município de São José do Seridó. Com esse aprendizado, tem-se condições de compreender a situação atual desse território – marcada por etapa de circuito espacial da produção têxtil – bem como as características desse circuito produtivo no local.

O município de São José do Seridó está localizado nas regiões intermediária e imediata de Caicó (ver mapa 1). De acordo com o censo demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município contava com uma população de 4.231 habitantes, distribuídos em uma área de 174,505 km<sup>2</sup>.

Em 1962, São José do Seridó foi definido como município norte-rio-grandense, integrante do Seridó Potiguar<sup>2</sup>. Segundo o historiador Melquides Medeiros<sup>3</sup> (2013), a comunidade que originou esse município foi formada a partir da Sesmaria 406<sup>4</sup>, por volta do ano de 1752, quando o crioulo alforriado Nicolau Mendes da Cruz teria se fixado nessas terras, considerando a sua fertilidade por serem banhadas pelos rios São José, Seridó e Acauã.

A colonização do território sertanejo da Capitania do Rio Grande ocorreu a partir do século XVIII, por meio da atividade da pecuária. Era inviável que o gado fosse criado no litoral, pelo fato desse

<sup>2</sup> Até o ano de 2017, a então Região Intermediária de Caicó era considerada pelo IBGE como Mesorregião Central Potiguar, sendo constituída pelas microrregiões Seridó Ocidental e Seridó Oriental. A partir de então, tais microrregiões passam a ser denominadas, respectivamente, de Região Imediata de Caicó e Região Imediata de Currais Novos, constituindo a referida região intermediária.

<sup>3</sup> Fonte: <<http://portaldesaojose.blogspot.com.br/2013/02/o-inicio-de-tudo-processo-de-evolucao.html>>. Acesso em 10 de maio de 2016.

<sup>4</sup> Essa Sesmaria constituiu-se de terras abandonadas na Capitania Hereditária do Rio Grande.



animal pisotear os canaviais e, assim, prejudicar a atividade açucareira. Tendo em vista o fato de as condições fisiográficas do sertão serem adequadas à criação de gado, a Metrópole decidiu ocupar e desenvolver o interior do Nordeste da Colônia pela pecuária.

Conforme Gomes (1997), os primeiros momentos da colonização do interior do Nordeste da Colônia foram bastante difíceis, por serem marcados por conflitos entre os colonizadores e os índios que já habitavam as terras. Tais conflitos definiram a Guerra dos Bárbaros (1650-1720), a qual, na Capitania do Rio Grande, foi caracterizada por batalhas sangrentas ocorridas nas ribeiras do Apodi, do Upanema e do Seridó. Apenas com o fim dessa Guerra, ocorrida com a pacificação à força dos índios, é que a colonização do interior da Capitania pode ser intensificada.

Durante o século XVIII e grande parte do XIX, o gado criado no sertão do Seridó era levado a pé, sobretudo, para Mossoró (RN) e para Campina Grande (PB), espaços onde eram realizadas grandes feiras de gado. Destarte, nos lugares de criação do gado e nos espaços por onde as boiadas passavam em direção às feiras, foram sendo desenvolvidas comunidades nas proximidades de mananciais. Tais comunidades serviam para abrigar os vaqueiros, no processo de criação do gado, ou para dar suporte às boiadas, no decorrer do deslocamento destas do Seridó para Mossoró ou Campina Grande. Assim, na Freguesia de Nossa Senhora de Santana – da qual foi delimitado territorialmente o Seridó –, foi desenvolvido o povoado de São José da Bonita, nome alusivo ao Poço da Bonita, situado à margem direita do Rio São José.

Fundamentado na pecuária bovina, esse povoado foi sendo lentamente desenvolvido socioeconomicamente no decorrer dos séculos XVIII e XIX, só sendo elevado à condição de distrito no início do século XX, em 1917, e a de município em 1962, pela Lei Estadual nº 2793.

Em 1918, foram construídos no Distrito de São José da Bonita o mercado público, para a comercialização de alimentos, e a Igreja Católica. Essas construções constituem-se em marcos históricos para o desenvolvimento socioeconômico do espaço local. Esse desenvolvimento, do ponto de vista econômico, foi impulsionado até o início do século XX pela pecuária, consorciada a culturas de gêneros alimentares. Destarte, em 1962, o Distrito vinculado a Jardim do Seridó foi emancipado, sendo que, em 1963, o Município de São José do Seridó foi instalado. O nome São José é uma homenagem ao padroeiro do Município.

No que se refere à pecuária, frisamos que esta foi a principal atividade econômica do interior do Nordeste brasileiro até o final do século XIX. A pecuária nunca se constituiu como a principal atividade do Brasil, tanto no período Colonial (1500-1822) quanto no do Império (1822-1889). Sempre foi uma atividade de destaque secundário, sendo a produção açucareira o principal fundamento econômico da colonização e da exploração do território brasileiro até o período imperial. Além de

destaque secundário no contexto da economia nacional, a pecuária também era subsidiária da economia canavieira, abastecendo a Zona da Mata com animais para servirem de força motriz em engenhos e com carne para alimentar famílias de trabalhadores e de senhores de engenho.

Todavia, para o interior do Nordeste, a pecuária foi a atividade que causou o povoamento do território, levando o homem do litoral para o Agreste e o sertão. No que tange especificamente ao Seridó, os territórios foram formados a partir de fazendas de gado e de capelas; tais construções possibilitavam trabalho, renda e relações sociais, fatores imprescindíveis para o desenvolvimento de aglomerações que originariam povoados elevados a distritos, cidades e, recentemente, a municípios, formados pela relação de espaços rurais e espaços urbanos. Esse fato histórico evidencia a importância da pecuária e da religiosidade católica para a formação da sociedade e do território seridoense, do qual faz parte São José do Seridó.

O desencadeamento da pecuária no interior do Nordeste, particularmente no Seridó, foi possível devido às adequadas condições edafoclimáticas da Região à atividade. Outrossim, destaca-se o fato de a grande criação de gado no litoral não ser interessante, visando não prejudicar a cultura da cana-de-açúcar, a qual, pelo seu alto valor no mercado internacional, monopolizava praticamente todas as áreas agrícolas da Zona da Mata. Do mesmo modo, Furtado (1986) esclarece que a atividade criadora era desencadeada sem necessidade de altos gastos monetários, pois, apenas alguns vaqueiros davam conta de grandes boiadas, recebendo bezerros como pagamento pelas suas ações laborativas. Assim, a pecuária foi constituída como atividade econômica ideal para alicerçar o processo de formação do interior do Nordeste brasileiro.

A grande dificuldade enfrentada pela pecuária no seu período áureo foi a das secas. Estas sempre castigavam a atividade, dizimando muitas cabeças de gado e dificultando mais ainda a já sofrida vida do homem sertanejo, em tempos pretéritos. Contudo, não obstante essa adversidade frequente, até o final do século XIX, o criatório de gado foi, sem dúvidas, o fundamento econômico do interior nordestino, especificamente, do Seridó.

O destaque da pecuária no interior nordestino foi eclipsado no início do século XX, quando conjunturas internacional e nacional impulsionaram o cultivo do algodão na Região. No âmbito internacional, a Inglaterra requeria a matéria-prima algodão para abastecer suas indústrias têxteis, no contexto da Revolução Industrial (1760-1840). O principal mercado abastecedor das demandas inglesas era os Estados Unidos da América, até que, com a Guerra de Secessão (1861-1865), os norte-americanos não priorizaram o atendimento dessas demandas. Tal fato histórico possibilitou que a cotonicultura desencadeada no Nordeste brasileiro abastecesse as indústrias têxteis inglesas, o que



impulsionou demasiadamente a produção de algodão nessa Região. No interior, pastos – outrora dominantes – cederam espaço para algodoais.

No Seridó, o algodão produzido era o Mocó, reconhecido pela qualidade da sua fibra longa, bem aceita no mercado internacional. Destarte, nas primeiras décadas do século XX, a cotonicultura representou a primeira atividade de interesse externo desenvolvida no interior do Rio Grande do Norte, especialmente, no Seridó.

No contexto nacional, a partir de 1930 e, sobretudo, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tendo em vista o envolvimento direto de potências econômicas europeias com conflitos bélicos, houve um importante desenvolvimento da indústria têxtil nacional, concentrada no Sudeste. Esse desenvolvimento requereu que a cotonicultura nordestina abastecesse a referida indústria. Assim, durante boa parte da primeira metade do século XX, o principal mercado consumidor do algodão seridoense foi o da indústria têxtil do Sudeste brasileiro.

Com a cotonicultura, a produção do espaço nordestino foi modernizada. As receitas geradas pela exportação internacional e nacional do “ouro branco” serviram para melhorar a infraestrutura de cidades e a qualidade de serviços sociais básicos, amplificando, assim, o povoamento da Região, especialmente, no seu interior.

Destarte, no Seridó a situação de melhoramento de infraestruturas e de serviços coletivos seguiu o contexto de todo o interior nordestino. Outrossim, destaca-se que o período áureo da cotonicultura significou para o Seridó algo a mais: o destaque da elite regional na política potiguar. Da década de 1920 à de 1970, políticos seridoenses governaram o Rio Grande do Norte – José Augusto Medeiros (mandato de 1924 a 1927), Juvenal Lamartine de Faria (1928-1930), Dinarte Mariz (1956-1961) e Walfredo Gurgel (1966-1971) –, além de terem sido eleitos para os cargos de Deputado Federal e Senador da República. Com isso, foram implementadas grandes melhorias no território seridoense, como a construção da estrada de automóveis conectando a Região à capital do estado e os investimentos em educação pública. Sendo assim, o Seridó cotonicultor foi simbolizado pela riqueza monetária e força política.

A partir da década de 1960, o enfraquecimento da indústria têxtil nacional, a infestação de algodoais nordestinos com a praga do bicudo e o baixo preço do algodão no mercado internacional, com o desenvolvimento de tecidos sintéticos, foram fatores que causaram o brusco abrandamento da cotonicultura nordestina, especificamente, da seridoense, de modo que, na década de 1970, foi confirmada a falência dessa atividade.

Em São José do Seridó, em 1934, foi instalada uma beneficiadora de algodão, a qual, segundo a professora Edite Medeiros, “nasceu com a cidade”. Tratava-se do Consórcio Epaminondas Dantas,

uma das empresas que concentrava o processo de beneficiamento do algodão no Seridó, o descaroçando e o prensando. Após tais procedimentos, a matéria-prima era transportada em caminhões para Natal, de onde seria escoada para o exterior e/ou para o Sudeste nacional.

Gomes (1997) ressalta que o desenvolvimento da atividade comercial do algodão criou as condições necessárias para o desenvolvimento de cidades no interior do Rio Grande do Norte, as quais assumiram um caráter de espaços de intermediação entre as áreas produtoras e os empórios comerciais. Desse modo, o território de São José do Seridó foi substancialmente dinamizado, com a implementação de novos comércios e serviços ligados à produção algodoeira.

Com a falência da cotonicultura nordestina, os agricultores que se dedicavam principalmente ao cultivo do algodão, tiveram que repensar as suas práticas. Alguns, buscaram reestruturar as suas vidas por meio da retomada da pecuária. Outros – a maioria, em São José do Seridó, sobretudo, a partir da década de 1980 – migraram para a cidade, em busca de novas oportunidades de trabalho visando melhores condições de vida. Contudo, no meio urbano, a referida falência ocasionou o desaparecimento da beneficiadora de algodão, fato que, em um primeiro momento, fragilizou também a vida da maioria das pessoas na cidade. Uma situação difícil, existente em todo o Seridó, narrada pelas palavras de Moraes (2005, p. 06):

As consequências desta crise aceleraram e ensejaram mudanças significativas na estrutura regional do Seridó em termos de economia, política, dinâmica demográfica, urbanização, dentre outros. A repercussão logo se fez sentir na estrutura do rural e do urbano, através do crescente número de pessoas que, carregando muito pouco, se arvoraram pelas estradas para tentar a sorte na cidade personagens típicos do êxodo rural. O que de real se transfigurou para estes foi a face mais cruel da crise, manifestada na falta de lugar para morar, alimento para comer e perspectiva de viver.

Destarte, na década de 1970, as economias tradicionais do Seridó Potiguar não tinham mais condições de fundamentar a dinâmica do território. A pecuária continua a ser desenvolvida, porém, frequentemente afetada por secas. A cotonicultura teve falência decretada, devido aos fatores já destacados. Sendo assim, foi necessário investir na reestruturação da economia do território, tendo como fundamento o processo de urbanização.

No Brasil, a urbanização da sociedade e do território ganhou notoriedade a partir da década de 1950. No Rio Grande do Norte, nas décadas de 1960 e 1970. Em São José do Seridó, tendo em vista o baixo nível demográfico e funcional do município, o processo de urbanização só começou a ganhar substância na década de 1980, sendo que apenas na década de 1990 esse processo será consolidado.

Na década de 1990, a população de São José do Seridó tornou-se predominantemente urbana. Desde então, a população rural vem diminuindo, ao contrário da urbana, de modo que, em 2010,

apenas 929 pessoas residiam na zona rural do município (IBGE, 2016d). Dessa maneira, destacamos que a reestruturação da economia de São José do Seridó vem ocorrendo, sobretudo, pelos investimentos em atividades urbanas, como as de comércio, de prestação de serviços, de produção de vestimentas e da administração pública.

À exemplo do que ocorre nas cidades pequenas do Rio Grande do Norte, o comércio em São José do Seridó é predominantemente de pequena dimensão e varejista, atendendo as necessidades básicas da população local. Do mesmo modo, as atividades de prestação de serviços são, majoritariamente, de baixo nível, por atenderem demandas não complexas. Visando sanar demandas mais complexas, a população de São José do Seridó se desloca com constância para a cidade de Caicó (RN), tendo em vista o fato de o mercado desta ser o mais complexo da região intermediária homônima, possibilitando o consumo de bens e de serviços não existentes no mercado de cidades pequenas da Região.

### **Desenvolvimento do ramo têxtil em São José do Seridó**

No que se refere ao ramo têxtil, na década de 1990, são-joseenses investiram seus recursos na produção de redes, cobertores e toalhas. Essa produção ocorria em pequenas fábricas calcadas em trabalho familiar, muitas das quais domésticas. Os responsáveis por essas fábricas atuavam na produção e na comercialização das mercadorias produzidas.

A produção de vestimentas em São José do Seridó foi iniciada em 1992, com a instalação de uma fábrica dedicada à produção de bonés. Essa fábrica foi montada pelo empresário Simão José de Medeiros, que, com o apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), qualificou mão de obra do município e, assim, passou a desencadear produção especializada de bonés.

O sucesso alcançado pelo empresário levou o casal Jaedson Dantas e Sueide Pereira (prima da esposa de Simão) a fundarem, em 1996, a fábrica Companhia do Boné, dedicada a produção de bonés promocionais. Nessa época, era permitido que o boné fosse utilizado como objeto de propaganda em campanhas eleitorais, fato que movimentava intensamente a dinâmica da fábrica de Simão e a Companhia do Boné e, conseqüentemente, a dinâmica territorial do município.

Em 2006, foi proibido o uso de bonés em campanhas eleitorais, o que desestabilizou a produção que era desencadeada em São José do Seridó. Com isso, o casal responsável pela fábrica Companhia do Boné investiu no desenvolvimento de marca própria, chamada de *LocBoy*. Outrossim, adquiriram máquinas sofisticadas para a fábrica e a dedicaram à produção de bonés personalizados. A qualidade dos bonés produzidos tornou a marca competitiva no mercado nacional, a ponto de, em 2010, a *LocBoy* ter sido reconhecida em uma exposição na novela TITITI da Rede Globo. Atualmente,

a Companhia do Boné conta com um centro de distribuição na capital potiguar e produz bonés, chapéus e viseiras para várias empresas nacionais, como SEBRAE, BAND e PETROBRAS, assim como para empresas internacionais, como a JEEP e a TOYOTA. Essa fábrica é a única bonelaria atualmente existente em São José do Seridó, gerando em torno de 35 empregos diretos.

Diante da crise gerada pela proibição de bonés em campanhas eleitorais, o empresário Simão José de Medeiros decidiu transformar a produção de sua fábrica. Para isso, novamente, buscou apoio do SENAI e também do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), para se dedicar à produção de vestimentas diferentes do boné. Assim, em 2000, ele instalou na cidade de São José do Seridó a Camisaria São José, para prestar serviços à RM Nor do Brasil Indústria e Comércio, então sediada em Parnamirim (RN). A frequente demanda por peças possibilitou que ele expandisse as suas unidades produtivas, instalando, nos primeiros anos deste século mais duas fábricas na cidade: a Produtividade e Tali Confecções e a Companhia da Arte.

Novamente, o sucesso desse empresário levou outros são-joseenses a investirem também no ramo de confecções. Foi o caso da empresária Marionete, que abriu mão do seu ateliê para se vincular à empresa Hering, instalando unidade produtiva para a produção de vestimentas conforme as demandas desta. A empresária nos esclareceu<sup>5</sup> que o sucesso da produção terceirizada de vestimentas em São José do Seridó não deixou escolha para ela quanto ao seu antigo ateliê, pois, não havia, inclusive, mais pessoas disponíveis para trabalhar em ateliês. Os habitantes da cidade objetivavam ser funcionários de facções, visando trabalhos com registro em carteira de trabalho. Desse modo, a empresária seguiu o contexto produtivo de São José do Seridó e tornou-se faccionista da Hering.

Atualmente, o município de São José do Seridó conta com 14 unidades produtivas de vestimentas, sendo 13 localizadas na cidade e uma na zona rural. Destas, apenas a Companhia do Boné não é dedicada à produção de confecções sob relação de terceirização com a Hering e a Guararapes. Todas as outras unidades produtivas montam roupas conforme orientações técnicas dessas empresas e com tecidos e aviamentos fornecidos por elas. Destarte, são facções que desempenham uma etapa de circuitos espaciais produtivos comandados pelas referidas empresas.

Com o fechamento permanente da RM Nor, somente a Guararapes e a Hering vinculam, hoje, unidades produtivas de vestimentas em São José do Seridó. Essas empresas chegaram a Região Intermediária de Caicó, especificamente, ao município em questão, por meio do Programa de Interiorização da Indústria Têxtil (PRÓ-SERTÃO), gerenciado pela Secretaria do Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Norte em parceria com o SENAI, o SEBRAE e a Federação das

---

<sup>5</sup> Informações obtidas em entrevista realizada em 11 de outubro de 2016, na facção da empresária.

Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN). Por meio do PRÓ-SERTÃO, propugnasse a necessidade de se industrializar o interior do estado, incentivando, para isso, a abertura de pequenas unidades produtivas para a prestação de serviços à grandes empresas do ramo têxtil. Assim, a Hering e, nos últimos anos, sobretudo, a Guararapes, vêm expandindo as suas ações na Região.

De modo geral, segundo Silva (2012), o circuito espacial da produção têxtil é formado por quatro etapas: concepção das peças, preparação (corte e modelagem), montagem (costura) e acabamento para consumo final. Em São José do Seridó, a Guararapes e a Hering terceirizam unidades produtivas para a etapa da montagem de peças de roupas. Para isso, as empresas enviam para as facções – por meio de caminhões de empresas transportadoras contratadas – o tecido cortado e os aviamentos necessários, juntamente com a ficha técnica de cada peça, ensinando a montagem. As peças são montadas nas facções e buscadas pelas empresas – também via transporte por caminhões. As roupas montadas em São José do Seridó passam pela etapa do acabamento nos centros de distribuição de cada empresa, localizados na Grande Natal, cuja mão de obra é especializada nessa etapa. Depois do acabamento, as peças são distribuídas para comercialização nas lojas das empresas, existentes em todo o Brasil.

Comandando esse processo, a Guararapes e a Hering são consideradas como imprescindíveis para a atual dinâmica territorial da Região Intermediária de Caicó, particularmente, de São José do Seridó. De acordo com a empresária Anny Fabíola<sup>6</sup>, representante da Associação Têxtil de São José (ATS), nas 13 facções existentes no município em 2016, eram produzidas em média 39.000 peças por semana, entre calças, bermudas, camisas e camisetas, tanto para crianças quanto para adultos, nas modas masculina e feminina. Com isso, eram gerados vários empregos diretos e muitas ocupações indiretas, fatos que, segundo a elite e a maioria da população local, tornam inviável a perca pelo município das demandas dessas grandes empresas. Por isso, as intencionalidades produtivas da Guararapes e da Hering são consideradas como primordiais pela sociedade são-joseense.

As máquinas existentes nas unidades produtivas de vestimentas de São José do Seridó são provenientes da China ou do Sul do Brasil. Geralmente, cada unidade produtiva dispõe de 30 a 40 máquinas semiindustriais, a maioria eletrônicas.

Nas unidades produtivas de vestimentas de São José do Seridó, o início do processo fabril ocorre pela avaliação da ficha técnica, com a compreensão dos parâmetros a serem seguidos: cores das linhas, tipos de costura e modelos a serem elaborados. Após essa análise, as peças são separadas, marcadas e pranchadas, para, em seguida, serem costuradas. Na costura, o parâmetro a ser considerado pelos trabalhadores é o da produtividade com qualidade, tanto que há unidades

---

<sup>6</sup> Informações obtidas em entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016, em uma das facções da empresária.



produtivas que colam plaquinhas nas máquinas de costura com o lembrete “#eu produzo com qualidade” (fotografia 1), visando focar os costureiros no atendimento da exigência do mercado, isto é, pela ampla produção com a máxima qualidade técnica possível.

**Fotografia 01:** São José do Seridó – Incentivos à produção com qualidade em unidade produtiva de vestimentas



**Fonte:** Ana Luiza Dantas da Silva, 2016.

Após a costura, as peças são revisadas (fotografia 2), visando evitar imperfeições. Em seguida, são buscadas pelas empresas para serem levadas para os seus centros de distribuição. Nestes, as peças passam por revisão geral e, caso não apresentem falhas, são enviadas para o setor de lavagem. Caso haja falhas, as peças são retornadas às fábricas, para que as falhas sejam eliminadas. Após a lavagem, as roupas são distribuídas para as lojas das empresas, para serem comercializadas.

**Fotografia 02:** São José do Seridó – Peças sendo revisadas em unidade de produção de vestimentas



**Fonte:** Ana Luiza Dantas da Silva, 2016.



Para que as facções são-joseenses continuem produzindo roupas com alta qualidade e produtividade, é imprescindível que os trabalhadores sejam qualificados conforme as exigências produtivas do ramo têxtil, especificamente, de acordo com os intentos das empresas que terceirizam tais unidades produtivas. Assim, a Secretaria Municipal de Trabalho, Habitação e Assistência Social (SEMTHAS), em parceria com o SENAI, o SEBRAE e o Serviço Social da Indústria (SESI), vêm ofertando capacitação à população economicamente ativa municipal, que tenha interesse em trabalhar nas unidades produtivas de vestimentas. Em 2016, foram capacitadas 86 pessoas, das quais 20 foram empregadas. Mesmo com essa iniciativa, a empresária Anny Fabíola enfatizou que chega a faltar mão de obra qualificada e disponível para trabalhar em facções em São José do Seridó, fato que leva faccionistas locais a contratarem trabalhadores provenientes de outros municípios da Região, como Cruzeta (RN), Acari (RN) e Caicó.

Fiscalizações do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) e das próprias empregas terceirizadoras, vêm fazendo com que as unidades produtivas de vestimentas de São José do Seridó, cada vez mais, empreguem trabalhadores, e não apenas ocupem. Dados do IBGE mostram que, em 2006, 536 habitantes de São José do Seridó trabalhavam no ramo têxtil, sendo 377 assalariados. Em 2014, o número de trabalhadores locais do referido ramo produtivo aumentou para 998 pessoas, das quais 908 eram assalariadas. Tais dados evidenciam também a importância social das unidades produtivas de vestimentas no município em questão, pelo fato dessas atividades gerarem muitos empregos, representando, assim, trabalho e renda para muitas famílias.

Tendo em vista a quantidade de ocupações e de empregos gerados pelas unidades produtivas de vestimentas em São José do Seridó, o poder público municipal apoia de modo importante o funcionamento dessas atividades. Além de atuar na capacitação de trabalhadores, a Prefeitura Municipal de São José do Seridó oferta benefícios fiscais às facções, bem como auxílios para faccionistas pagarem aluguel e energia elétrica. Também há casos de facções que funcionam em prédios públicos, sem necessidade de pagamento de aluguel. Todos esses benefícios visam a maior oferta de trabalho e renda para famílias do município.

A divisão do trabalho entre as empresas terceirizadoras e as unidades produtivas terceirizadas ocorre da seguinte maneira: as empresas abastecem com matéria-prima as unidades produtivas e gerenciam o seu funcionamento, por meio das fichas técnicas e de auditorias trabalhistas; aos faccionistas cabe os investimentos em maquinário, infraestrutura predial, qualificação de mão de obra e em equipamentos de proteção individual (EPI).

De segunda à sexta-feira, caminhões contratados pela Guararapes e pela Hering trazem para as facções o tecido cortado para a produção de peças; esse tecido é cortado nos centros de

distribuição das empresas. O tecido e os aviamentos necessários – linhas, botões, etiquetas, zíperes –, acompanhados por ficha técnica, são entregues em gaiolas de ferro, abastecendo, destarte, as unidades terceirizadas (fotografias 3 e 4).

**Fotografias 03 e 04:** São José do Seridó – Abastecimento de unidade produtiva de vestimentas por empresa terceirizadora



**Fonte:** Ana Luiza Dantas da Silva, 2016.

Com a devida montagem, as peças de roupas são realocadas nas gaiolas de ferro e transportadas pelo mesmo meio de transporte para os centros de distribuição da Guararapes e Hering. Com acabamento, as roupas são distribuídas para comercialização em âmbito nacional.

Dessa maneira, o município de São José do Seridó participa de circuitos produtivos do ramo têxtil, na etapa da costura. É evidente a importância das unidades produtivas de vestimentas para a sociedade e a economia, pela geração de trabalho e renda para muitas famílias. Contudo, é pertinente refletirmos sobre a possível relação dessa atividade têxtil com o desenvolvimento territorial de São José do Seridó.

### **A atual dinâmica socioeconômica e territorial do município de São José do Seridó**

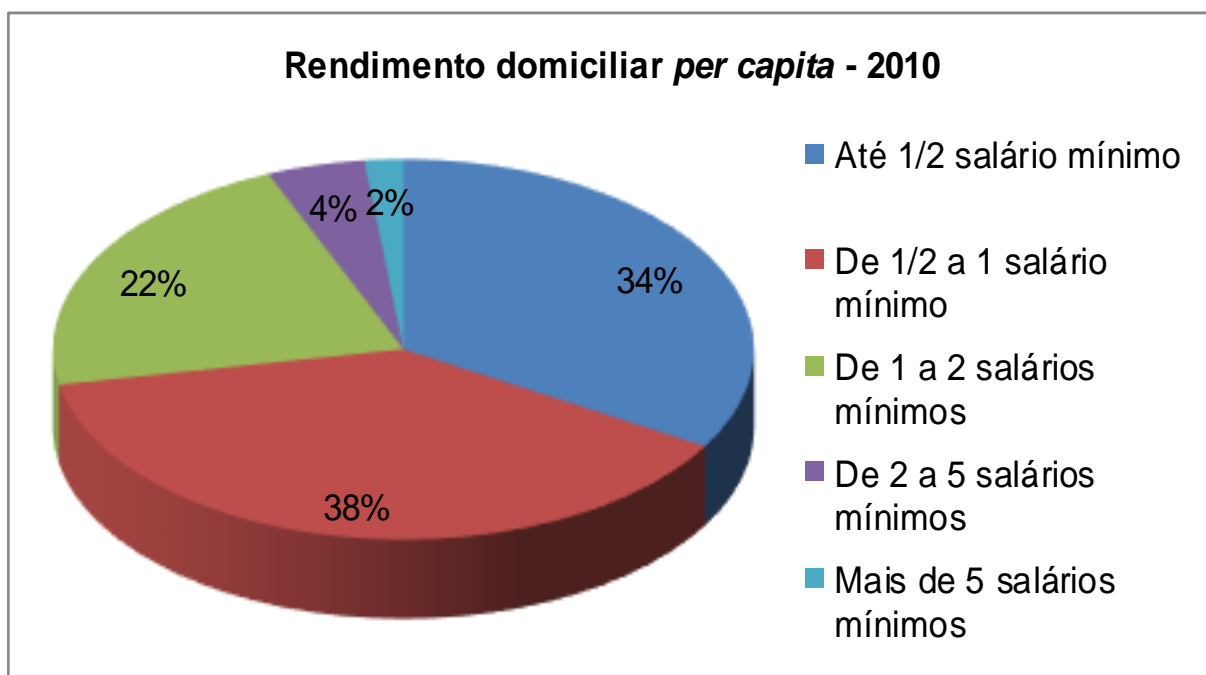
No período técnico-científico-informacional, com a possibilidade da dispersão geográfica da produção com a concentração de lucros pelos agentes hegemônicos de circuitos espaciais produtivos, o município de São José do Seridó foi escolhido para localizar uma etapa de circuitos produtivos comandados por grandes empresas do ramo têxtil. Assim, neste tópico, intentou-se compreender a contribuição das unidades produtivas de vestimentas para o desenvolvimento territorial do município. *A priori*, diante das nossas observações de campo, acredita-se que tais unidades produtivas vêm proporcionando certo desenvolvimento à São José do Seridó, especificamente, para a vida urbana. Contudo, deve-se analisar dados que comprovem ou não essa percepção.

É importante lembrar que, conforme discutiu-se na introdução do artigo, o desenvolvimento territorial só é real se houver crescimento econômico com avanços sociais em educação, saúde, saneamento, habitação, lazer e cultura. Desse modo, há contribuição positiva do progresso econômico com a dinâmica do território, o que gera desenvolvimento.

Nos dias atuais, São José do Seridó apresenta-se como um pequeno município do Rio Grande do Norte cuja maioria da População Economicamente Ativa (PEA) trabalha em atividades produtivas (54%), de prestação de serviços (35%) ou comerciais (10%), respectivamente. As atividades da agricultura (1%), outrora principais, não têm mais realce. Tais dados evidenciam a nova situação da economia do município, reestruturada a partir da crise da pecuária – decorrente de secas frequentes – e da falência da cotonicultura. A economia atual é, sobretudo, urbana e diversificada entre indústria, serviços e comércio.

A maioria dos trabalhadores de São José do Seridó percebiam, em 2010, baixos rendimentos mensais, variando entre  $\frac{1}{2}$  e 1 salário mínimo (gráfico 1). Esse dado indica que as atividades produtivas existentes no município, não obstante gerarem muitos empregos e ocupações, remuneram mau, contribuindo para que os trabalhadores são-joseenses vivam em situação de pobreza.

**Gráfico 01:** São José do Seridó - Rendimento domiciliar *per capita* em 2010



**Fonte:** IBGE / Cadastro das empresas, 2010.

Entretanto, dados do Atlas Brasil indicam que a situação de pobreza dos habitantes de São José do Seridó vem diminuindo nas últimas décadas (tabela 1). Em 1991, 65,62% da população do

município era de pobres e 30,60% dos são-joseenses vivia em situação de extrema pobreza. Em 2000, a porcentagem de pobres caiu para 31,61% da população municipal e a de extremamente pobres para 11,65%. Em 2010 a tendência de queda da pobreza e da extrema pobreza prosseguiu, com 16,28% naquela situação e 4,88% nesta. Apesar desses dados positivos no que tange ao apaziguamento da pobreza em São José do Seridó, devemos frisar que, dos ainda extremamente pobres em 2010, 4,88% tinha renda *per capita* mensal igual ou inferior a R\$ 70,00, e 16,28% renda igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais.

**Tabela 01:** São José do Seridó – Número de habitantes em situação de pobreza, entre 1991-2010

Censo	Habitantes.	Pobres (%)	Extremamente Pobres (%)
1991	3.177	65,62	30,60
2000	3.777	31,61	11,65
2010	4.231	16,28	4,88

Fonte: Atlas Brasil (2006).

Acredita-se que a diminuição da pobreza em São José do Seridó decorre da ampliação das oportunidades de trabalho e renda, nas últimas décadas, assim como de programas ou de ações sociais que aliviam essa situação precária de vida. Como programa social, frisa-se o Bolsa Família, que, segundo dado do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), atendia, em 2017, 402 famílias de São José do Seridó, aliviando, assim, a situação de pobreza ou de extrema pobreza de aproximadamente 23,71% da população municipal.

Além disso, sublinhamos a ação da Secretaria Municipal de Trabalho, Habitação e Assistência Social de São José do Seridó (SEMTHAS), ao promover constantemente, em parceria com o SENAI, cursos de costura individual para trabalhadores do município que tenham intenção de laborar em unidades produtivas de vestimentas. Fazendo, isso, a SEMTHAS qualifica mão de obra e possibilita que trabalhadores desempregados sejam empregados ou, ao menos, ocupados.

No que se refere à estrutura etária da população municipal, os dados mostrados na tabela 2 evidenciam que a sociedade são-joseense está se tornando mais madura, com a diminuição do número de jovens e o aumento da quantidade de adultos e de idosos. Assim, aumenta a PEA do município, fato que gera mais disponibilidade de força de trabalho e pode representar a amplificação da produção de riqueza, bem como é elevada a população idosa, o que torna necessário o desenvolvimento de ações voltadas para a qualidade de vida de pessoas que trabalharam muitos anos e na terceira idade necessitam de conforto e segurança em suas vidas.

**Tabela 02:** São José do Seridó – Estrutura etária da população, 1991-2010

Faixa etária	População		
	1991	2000	2010
Menos de 14 anos	1.197	1.161	909
15 a 64 anos	1.835	2.371	2.976
65 anos ou mais	150	275	329

**Fonte:** IBGE / Censo demográfico, 2010.

Dados do censo demográfico de 2010, indicam que a taxa de analfabetismo em São José do Seridó era de 1,2% da população municipal com idade entre 10 e 14 anos. Dos trabalhadores vinculados ao ramo têxtil, tais dados mostram que a maioria não tinha instrução ou havia cursado incompletamente o Ensino Fundamental, seguida pelos trabalhadores que haviam cursado o Ensino Médio, o Ensino Fundamental e o Ensino Superior, de maneira completa, respectivamente.

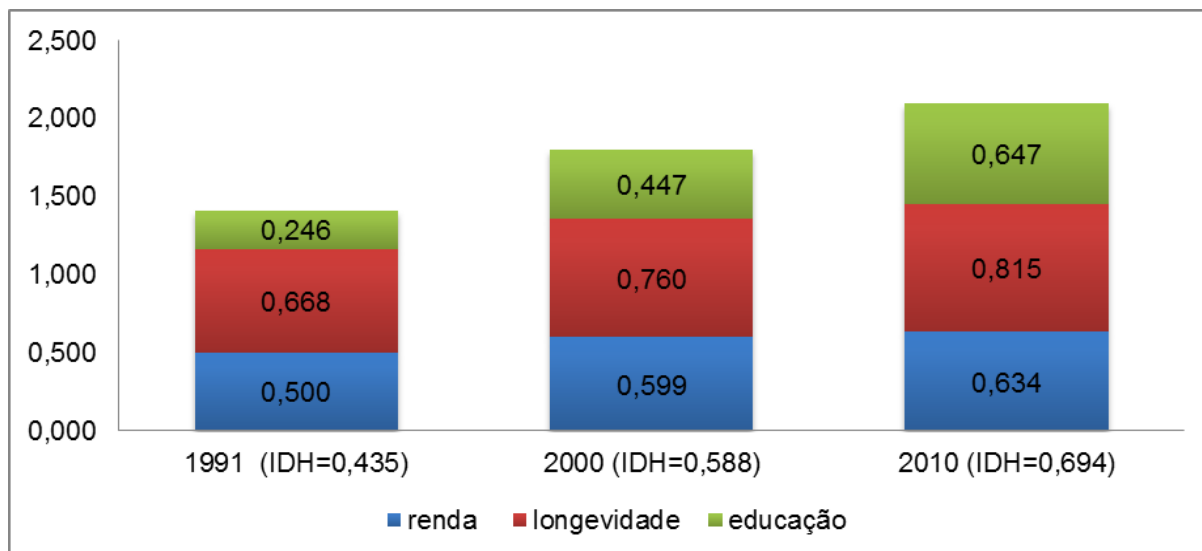
Em pesquisa de campo, inquiriu-se 22 trabalhadores de unidades produtivas de vestimentas. Destes, 35% tinham o Ensino Médio completo, 25% o Ensino Médio incompleto, 20% o Ensino Fundamental incompleto, 10% o Ensino Fundamental completo e 10% o Ensino Superior completo. Grande parte dos trabalhadores tem baixa instrução escolar, devido ao fato de terem começado a trabalhar muito jovens, tendo que optar apenas pelo trabalho e pelo abandono dos estudos, por falta de tempo para conciliar as duas tarefas. É o caso da costureira Fátima<sup>7</sup>:

O meu sonho é concluir o Ensino Médio e, assim, poder tentar uma vaga no Ensino Superior; só que parei no primeiro ano do Ensino Médio, pois, eu estava passando por uma situação muito difícil e tive que trabalhar. Sem tempo de estudar, me vi forçada a escolher entre o ensino e o trabalho; sem saída tive que continuar trabalhando e a situação hoje está muito mais crítica, pois, sou dona de casa e não vejo possibilidade de retornar aos estudos.

Histórias como a de Fátima são comuns entre trabalhadores das unidades produtivas de vestimentas. São pessoas que, pelas suas circunstâncias familiares, têm de optar pelo trabalho e não pelos estudos, ou não têm condições de estudar e de trabalhar. Mesmo assim, dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) mostram que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de São José do Seridó vem sendo constantemente elevado, devido a melhorias na longevidade, na educação e na renda da sociedade local (gráfico 2).

<sup>7</sup> Informação obtida em entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2016, no ambiente de trabalho da costureira.

**Gráfico 02:** São José do Seridó – Índice de Desenvolvimento Humano e suas variáveis, entre 1991-2010



Fonte: Atlas Brasil (2006).

Tais dados indicam certo desenvolvimento da educação e da renda dos são-joseenses e substancial do da longevidade. No que se refere à variável renda, dados do Atlas Brasil (2016) evidenciam que a renda *per capita* do município cresceu 130,26% entre o fim do século XX e o início do XXI: em 1991, essa renda era de R\$ 179,89; em 2000, subiu para R\$ 332,12; e, em 2010, para R\$ 414,22. Outrossim, há dado que indica diminuição das desigualdades socioeconômicas existentes em São José do Seridó, o Índice de Gini<sup>8</sup>, que teve ligeira elevação de 0,55 – em 1991, para 0,57 – em 2000, caindo para 0,43 em 2010.

Nessa situação, em 2010, o município de São José do Seridó ocupou a quinta posição no *ranking* dos municípios do Rio Grande do Norte com os melhores IDH. Na Região Intermediária de Caicó, São José do Seridó só teve IDH-M menor do que o do principal município da Região, em termos demográfico e funcional: Caicó.

No que diz respeito ao saneamento básico, dados de 2016 do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) registram que 80% da população residente no município de São José do Seridó tinha acesso a rede geral de esgoto, 84,3% a coleta de lixo e 66,6% a rede de drenagem urbana. Todos os habitantes tinham acesso a rede de energia elétrica. O abastecimento de água potável do município é um desafio a ser enfrentado constantemente. O clima semiárido intenso do sertão potiguar não favorece a Região com altos índices pluviométricos. Destarte, nos períodos de seca, durante boa parte do ano, o abastecimento via Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (CAERN) é

<sup>8</sup> Índice utilizado para medir o grau de concentração de renda, apontando a diferença entre os mais pobres e os mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda.



bastante precário. Intentando diminuir os efeitos negativos dessa situação sobre a qualidade de vida da sociedade, a Prefeitura Municipal vem instalando caixas de água em bairros da cidade, as quais são abastecidas pelo Exército Brasileiro. Do mesmo modo, essas instituições abastecem cisternas construídas na zona rural. Todavia, o problema da seca ainda é uma questão que merece muito mais atenção por parte de agentes da política brasileira, especificamente, da potiguar, pois, esse fenômeno natural causa problemas sociais graves, os quais devem ser resolvidos pela instância política, sem finalidade eleitoral.

Portanto, diante de todas as reflexões realizadas e de todos os dados analisados, considera-se que as atividades produtivas de vestimentas vêm contribuindo, de modo importante, com a nova dinâmica econômica do município de São José do Seridó. Tais atividades geram trabalho e renda para a maioria das famílias locais, sendo, por isso, consideradas imprescindíveis. As palavras da costureira Maria Aparecida<sup>9</sup> ressaltam essa importância:

A chegada das facções em São José mudou por completo a minha vida. Trabalho há 4 anos no setor. Antes, eu trabalhava no sítio cuidando de casa e vivia do que conseguia tirar do que plantava e do que recebia do Bolsa Família. Hoje, eu tenho casa e salário fixo todos os meses, além de todos os direitos trabalhistas. Eu me sinto realizada em saber que posso comprar o material escolar do gosto do meu filho, podendo dar a ele tudo que não tive. Quero continuar aqui até me aposentar e depois voltar para o sítio para cuidar dos meus pais.

Dados primários da pesquisa mostram que a maioria dos trabalhadores inquiridos destaca a importância fundamental das unidades produtivas de vestimentas para São José do Seridó, tendo em vista o fato de obterem nas facções renda que lhes possibilita satisfazer as suas necessidades de consumo, no que se refere a alimentos, vestimentas e bens modernos, como motocicletas, automóveis, celulares e eletrodomésticos. Muitos conseguem também adquirir casa própria, que é o sonho de consumo da maioria. Por isso, também a maioria dos trabalhadores declararam que laboram em unidades produtivas há certo tempo; existem trabalhadores que já desempenham esse serviço há mais de 10 anos.

Há trabalhadores que asseveram que o labor nas unidades produtivas de vestimentas não é fácil. O serviço é repetitivo, intenso e por jornadas que ocupam os trabalhadores praticamente o dia todo. Além disso, os rendimentos ofertados não são os melhores possíveis: paga-se, geralmente, um salário mínimo mensal para cada trabalhador. Não obstante, mesmo esses trabalhadores frisam que a presença de tais unidades produtivas no município é imprescindível. É consenso que caso a Guararapes e a Hering decidam localizar sua produção em outro lugar, haverá uma grande crise na economia são-joseense, com o desemprego de muitos trabalhadores ocasionando uma pressão

<sup>9</sup> Afirmação feita em entrevista realizada no dia 22 de novembro de 2016, no ambiente de trabalho da costureira.

intensa sobre a Prefeitura Municipal; uma situação não desejada, que faria o município retroceder com o desenvolvimento territorial que vem sendo construído ao longo de anos.

Os empregos e as ocupações geradas pelas unidades produtivas de vestimentas dinamizam o mercado e outros ramos produtivos em São José do Seridó. Conforme sublinhou-se, a renda obtida pelos trabalhadores do ramo têxtil possibilita que eles consumam produtos básicos à vida no período técnico-científico-informacional, sendo que muito desse consumo ocorre em lojas da própria cidade. Outrossim, os recursos pagos aos trabalhadores das unidades produtivas de vestimentas dinamizam o ramo da construção civil no município, sobretudo, na cidade, com a construção de tão sonhadas casas próprias. Além disso, estão sendo construídas pequenas casas de aluguel para serem ofertadas aos trabalhadores de outros municípios que estão sendo atraídos pela dinâmica econômica de São José do Seridó, ou para os trabalhadores locais que ainda não conseguiram conquistar a casa própria.

Do mesmo modo, a interessante dinâmica de empregos e ocupações geradas pelo ramo têxtil em São José do Seridó causa certa complexificação do mercado local, com a instalação de casa lotérica e de posto de atendimento do Banco Bradesco, atividades que possibilitam que os trabalhadores recebam seus salários em conta bancária e realizem diversas transações bancárias. Além disso, serviços especializados vêm sendo ofertados na cidade, como os de advocacia e de contabilidade, atendendo demandas empresariais e particulares antes não existentes.

Em suma, pode-se afirmar que as unidades produtivas de vestimentas integram a atual cultura de São José do Seridó. No dia 25 de maio é comemorado no município o Dia do Costureiro; na oportunidade, o poder público municipal, com o apoio de faccionistas, realiza uma semana de eventos voltados para os costureiros, com encerramento marcado por um *show* musical em praça pública.

As palavras do professor Josimar Araújo<sup>10</sup> expressam o entendimento que a maioria dos moradores de São José do Seridó tem sobre a existência de unidades produtivas de vestimentas no município:

A indústria de transformação representa, em termos econômicos, uma das principais fontes geradoras de renda no município [...] e a implementação dessa atividade tem consolidado o mercado e atraído cada vez mais pessoas da zona rural para a zona urbana, tendo em vista que os empregos ofertados pelas fábricas oferece, além de rendimentos melhores, uma série de garantias trabalhistas que quem trabalha no campo não tem.

Do mesmo modo, o empresário Ricardo Medeiros, em entrevista concedida ao Novo Jornal (2013), ressaltou que, se não fossem as facções, não existiria perspectiva de avanço em São José do Seridó e que este projeto econômico só veio para fomentar a economia local. O projeto de que trata Ricardo é o das ações dos poderes públicos no sentido de incentivar, *a priori*, a instalação de unidades

<sup>10</sup> Entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016.

produtivas de vestimentas no interior do estado, destacando-se o Programa PRÓ-SERTÃO, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Norte, cujo objetivo macro é a interiorização da indústria têxtil. Outrossim, integram o citado projeto as ações de poderes públicos municipal do Seridó, como as ações da Prefeitura Municipal de São José do Seridó, ao isentar os faccionistas do pagamento do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS), conceder auxílios visando diminuir custos do processo produtivo de vestimentas e patrocinar a qualificação da mão de obra com a oferta frequente de curso de costureiro industrial. Assim, tais políticas públicas vão ao encontro da opinião da maioria dos são-joseenses, pela valorização da localização de unidades produtivas do ramo têxtil no município.

### **Considerações finais**

Por fim, cabe o desvendamento de questão que fundamentou a pesquisa: as unidades produtivas de vestimentas vêm contribuindo com o desenvolvimento territorial de São José do Seridó?

Acredita-se que sim, tendo em vista o fato dessas unidades produtivas representarem substancial crescimento econômico para o pequeno município do sertão potiguar. Outrossim, esse crescimento econômico vem contribuindo com a melhoria de indicadores sociais do município, nas últimas décadas. Por isso, a existência de intencionalidades de grandes empresas do ramo têxtil em São José do Seridó é mais positiva do que negativa e, portanto, deve sim ser valorizada e zelada.

Contudo, não se pode negar que o poder público deve regular mais e melhor a existência dessas intencionalidades no município. Pode-se melhorar mais as condições de vida e de trabalho dos são-joseenses, visando intensificar o desenvolvimento do território municipal tendo como prioridade o bem-estar da sociedade local. É importante remunerar melhor os trabalhadores, possibilitar que eles estudem e não apenas se qualifiquem para o trabalho, tenham mais opções de lazer e melhores perspectivas de uma vida tranquila e segura na terceira idade.

Defende-se que a riqueza gerada pelos são-joseenses deve impactar muito positivamente nas suas vidas, com o melhoramento constante das suas condições de educação, saúde, habitação, trabalho e lazer. Reconhece-se os avanços conseguidos desde a última década do século XX, mas fica a certeza de que esses avanços podem ser amplificados e que novas conquistas possam ser alcançadas. Para isso, é imprescindível que o poder público municipal continue comprometido com o bem-estar dos são-joseenses.

Além disso, alertamos para o fato de, enquanto a economia de São José do Seridó for fundamentada nas intencionalidades de apenas duas empresas, a dinâmica do território continuará em situação de vulnerabilidade, tendo em vista o risco iminente de essas empresas resolverem alterar a

localização geográfica de seus interesses, considerando outras vantagens locais. Por isso, é importante buscar outros caminhos produtivos para a economia do município, ou, ao menos, outras intencionalidades também condizentes com o ramo têxtil.

## Referências

- CORRÊA, R. L. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. *Anuário do Instituto de Geociências*, v. 15, p. 35-41, 1992.
- FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.
- GOMES, R. C. C. *Fragmentação e gestão do território no Rio Grande do Norte*. 1997. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estrutura etária da população entre 1991-2010: São José do Seridó (RN)*. Disponível em <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=200&u=1638&z=t&o=4&i=P>>. Acesso em: 16 de agosto de 2016a.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Número de pessoas empregadas por setor econômico, entre 2007-2013: São José do Seridó (RN)*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php>>. Acesso em: 16 de agosto de 2016b.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pessoal ocupado total e assalariado na produção de vestimentas: São José do Seridó (RN)*. Disponível em <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1685&z=t&o=4&i=P>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016c.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *População residente por situação de domicílio 1970-2010: São José do Seridó (RN)*. Disponível em <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=200&z=t&o=4&i=P>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016d.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Rendimento domiciliar per capita: São José do Seridó (RN)*. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=3575&u=1638&z=t&o=4&i=P>>. Acesso em: 16 de agosto de 2016e.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA). *Perfil do seu município: São José do Seridó*. Natal, 2008.
- LUPATINI, M. P. *As transformações produtivas na indústria têxtil-vestuário e seus impactos sobre a distribuição territorial da produção e a divisão do trabalho industrial*. 2004. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MORAIS, I. R. D. Seridó Norte-Rio-Grandense: reestruturação e planejamento regional. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL-ANPUR. *Anais...* Salvador, maio de 2005.
- SALVADOR, D. S. C. O. O território usado e o uso atual do território do Agreste Potiguar. *Holos*, ano 25, vol. 2, p. 110-131, 2009.
- SALVADOR, D. S. C. O. Modernização da agricultura versus desenvolvimento territorial: reflexões sobre a atividade mandioqueira no Agreste Potiguar. *Holos*, ano 27, vol. 2, p. 72-88, 2011.
- SANTOS, M. ; SILVEIRA, M. L. A questão: o uso do território. In: *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 19-22.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M. ; SOUZA, M. A. A. ; SILVEIRA, M. L. *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1994. p. 15-20.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, S. C. O circuito espacial de produção do vestuário e a economia urbana da cidade de São Paulo. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 38, p. 157-177, maio de 2012.

TOLEDO, M.; CASTILLO, R. Grandes empresas e uso corporativo do território: o caso do circuito espacial produtivo da laranja. *GEOSUL*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 79-93, jul./dez. 2008.